

# *Teoria e metodologia na escrita da História no Brasil: Afonso de Taunay e a Academia Brasileira de Letras*<sup>1\*</sup>

KARINA ANHEZINI<sup>1</sup>

Universidade Estadual de São Paulo/Assis

**Resumo:** A história da historiografia conquistou nas últimas décadas um espaço necessário nas preocupações dos historiadores e tem se transformado em um campo de pesquisas com questões próprias. Inserido nessa perspectiva, esse artigo pretende compreender como aspectos da história da teoria e da metodologia foram abordados por Afonso de Escragolle Taunay (1876-1958). Para tanto, foram selecionadas as correspondências trocadas pelo autor, os discursos de recepção na ABL, alguns artigos e livros produzidos por Taunay na década de 30. Nas primeiras décadas do século XX, quando se buscava a definição da historiografia e de seus limites tanto em relação à literatura quanto às ciências sociais nascentes, as subjetividades se apresentaram como definitivas nas tomadas de decisão do autor, especialmente, àquelas relacionadas ao novo local de produção de Taunay, a Academia Brasileira de Letras.

**Palavras-chave:** Historiografia brasileira; Academia Brasileira de Letras; Afonso de Taunay.

**Abstract:** The history of historiography in recent decades has the breathing space needed in the concerns of historians and has been transformed into a research field with its own issues. Uploaded this in perspective, this paper aims to understand how aspects of the theory of history and methodology have been addressed by Afonso de Escragolle Taunay (1876-1958). We selected the letters exchanged by the author, the speeches of acceptance at the ABL, some articles and books produced by Taunay in the 1930s. In the first decades of the twentieth century, when it sought to define the historiography and its limits in both the literature and social science sources, the subjectivity is presented as the final decision making of the author, especially those related to the new site production Taunay, the Brazilian Academy of Letters.

**Keywords:** Brazilian historiography; Academy of Letters; Afonso de Taunay.

---

<sup>1\*</sup> Artigo submetido à avaliação em março de 2010 e aprovado para publicação em abril de 2010.

**A** História da Historiografia conquistou nas últimas décadas um espaço necessário nas preocupações dos historiadores e tem se transformado em um campo de pesquisas com questões próprias. Os balanços historiográficos que antes resumiam o “estado da arte” dos diversos problemas epistemológicos da historiografia já se mostram insuficientes para um campo que procura historiar “os procedimentos de como e porque a história é feita e escrita” (Cezar, 2004, P. 45).

A realização de encontros, revistas e grupos de trabalho dedicados à História da Historiografia permitem pensar a constituição de um campo com problemas, objetos, teorias e métodos específicos, ou seja, o estabelecimento de uma “agenda autônoma de investigação da historiografia” (Nicolazzi, 2008).

Inserido nessas preocupações, esse artigo pretende narrar alguns episódios da história da teoria e da metodologia na historiografia de Afonso de Escragnolle Taunay (1876-1958). Nas primeiras décadas do século XX, quando se buscava a definição da historiografia e de seus limites tanto em relação à literatura quanto às ciências sociais nascentes, as subjetividades se apresentaram como definitivas nas tomadas de decisão do autor. As preocupações teóricas e metodológicas estiveram relacionadas ao novo local de produção de Taunay, a Academia Brasileira de Letras e a toda a disputa por espaço e recepção que essa instituição significou.

### **De “mortal politécnico”<sup>2</sup> a imortal historiador: as múltiplas faces do ofício nas primeiras décadas do século XX**

Vou amanhã na posse do Felix<sup>3</sup> na Academia de Letras. Entrarei com cuidado no salão dos Imortais para que se não me peque alguma coisa, de modo a ter que voltar... E, sobretudo, ao sair limparei bem as botas nos tapetes da egrégia Companhia para não trazer na poeira do chão desse cenotáfio de múmias algum bacilo [...]. Inegavelmente, nada legítima entre nós a existência extemporâ-

nea dessa instituição. É mais um coleginho de invejas e intrigas, de incompetências e rastaquerismos e, sobretudo, de uma bajulação hedionda, esbagaçada nos dentes do rodete do elogio mútuo. É preciso roubar ao nosso meio de mofinos e lisonjeiros, facilidade de fundir em tais nódulos as suas misérias generalizadas... Mas verá você que um belo dia o Brasil estará cheio desses grupinhos, dessas lojecas literárias, onde o que mais se oferece é o que menos valor tem. [...] Acaba que todo sujeito que escreva um bilhete ou um artigo a pedido na “Trombeta de Sapucaí” considerar com direito a matricular-se numa destas cooperativas... Contanto que Cicrano possa por no cartão de visita: Da academia de São João da Vara Verde! E pensar, o coitadinho, que dessa forma absolutamente ingênua e simplíssima ele consiga apoiar-se em alguma coisa que o transforme de um asno em Francisco Lisboa... O gosto de aparecer, a mania de agradar dão-se as mãos nessa lepra que irá lavar no Brasil inteiro (Carta de Alberto Rangel a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1913, Fundo Alberto do Rego Rangel – Arquivo Nacional, caixa 13, pacotilha 7).

Era 13 de agosto de 1913 e Alberto Rangel<sup>4</sup> vociferava contra a Academia Brasileira de Letras em carta enviada ao amigo Afonso de Escragolle Taunay que naquela época ainda era um mortal politécnico.<sup>5</sup> O tempo da ABL de Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Visconde de Taunay havia expirado para Rangel. Após a eleição do Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, ocorrida em 14 de setembro do ano anterior, a indignação tomou conta do ambiente intelectual. O Ministro não possuía nenhuma obra e, para atender às exigências dos estatutos, mandou imprimir um discurso pronunciado em uma festa oferecida ao então presidente da República, Hermes da Fonseca. Concorreu com o Ministro que não tinha letras a apresentar, o filólogo e bibliógrafo Ramiz Galvão que havia organizado o Catálogo de História do Brasil da Biblioteca Nacional e publicado, dentre outras obras, o *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega* em 1909. Esta eleição, somada a de Oswaldo Cruz, em

1911, provocaram polêmicas dentre os acadêmicos e o universo de letrados da época.<sup>6</sup>

Taunay ainda estava iniciando sua carreira como historiador nos Institutos Históricos do Rio de Janeiro e de São Paulo e, portanto, com pouca projeção no cenário intelectual, limitava-se a comentar com o amigo Rangel as regras que imperavam na instituição que seu pai havia ajudado a fundar. No entanto, não tardaria para que as primeiras incitações viessem desassossegar sua vaidade.

Desde a publicação de *Crônica do tempo dos Filipes* em 1910 e, principalmente, após a edição em 1919 da obra do Visconde de Taunay *Recordações de guerra e de viagem*, Taunay manteve com a Academia uma relação de proximidade. Nos anos seguintes a esta segunda publicação, ele enviou notícias ao diretor da secretaria da ABL, cargo que na ocasião era ocupado por José Vicente de Azevedo Sobrinho, tanto a respeito das edições e reedições que realizou dos livros de seu pai quanto para agradecer a acolhida de suas publicações lexicográficas. A primeira publicação de Taunay nessa área foi o *Léxico de termos técnicos e científicos* que tratava das deficiências dos dicionários de língua portuguesa. Esta temática ocupou sete outros trabalhos que envolveram Taunay em uma polêmica com Cândido de Figueiredo.<sup>7</sup>

Após a publicação em 1909 do *Léxico de termos técnicos e científicos*, produzido para suprir ausências de termos importantes para o mundo contemporâneo que vivenciava o “espantoso progresso das ciências, o desenvolvimento e aperfeiçoamento das indústrias, a série ininterrupta das grandes invenções e descobertas e, a conseqüente, criação de novas tecnologias e amplificação, em grandes proporções, das já existentes” (Taunay, 1909), o autor publicou *Léxico de lacunas*, em 1914, cujo objetivo ele apresentou no longo subtítulo: “léxico de termos vulgares, correntes no Brasil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de acepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dicionários da língua portuguesa” (Taunay, 1914, p. 16). Para suprir as deficiências dos dicionários, Afonso de Taunay arrolou mais de dez mil lacunas visando a não apenas acrescentar, mas também a corrigir os erros existentes no trabalho do lexicógrafo português Cândido de Figueiredo. Esta polêmica rendeu a publicação de seis outros livros: *Vocabulário de omissões* (1924), *Coletânea de falhas* (1926), *Reparos ao dicionário de*

*Cândido de Figueiredo* (1926), *A terminologia zoológica e científica em geral e a deficiência dos grandes dicionários portugueses* (1927), *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses* (1928) e *Inópia científica e vocabular dos grandes dicionários portugueses* (1932).

Estas publicações foram, aos poucos, estreitando as relações de Taunay com a ABL. No entanto, trouxeram-lhe muitos dissabores com seu orientador João Capistrano de Abreu (1853-1927), que considerava os esforços empreendidos por Taunay um tempo perdido:

Afonso amigo,  
Voltou você ao vômito! Que pena! Nem compreendo como insista em gastar tanto e tão precioso tempo a discutir com o homem do chinó. Infeliz mania!  
Basta! Já você lembrou os casos do “florianista”, da “sirena”, do “guaxupé”, do “aeroplano” e quejandas asnicas. Para que mais? [...] Convença-se de que matou e enterrou o sujeito e, assim, recuperando a saúde mental, cuide de assuntos sérios. [...] Em todo o caso não me mande mais os seus artigos contra o homem de peruca, que não os lerei. Só servem para me irritar. [...] Livre-nos Deus de que você prossiga no espiolhamento de todo o dicionário! Será um nunca acabar! E quando tiver terminado, então aí avaliará o prejuízo que teve em tempo e serviço. Não gaste cera com tão ruim defunto e deixe em paz o sujeito dos postiços. Em todo o caso está advertido: nunca me mande mais novas provas da sua infeliz figueiridite (Carta de Capistrano de Abreu a Afonso Taunay, sem data. In: ABREU, Capistrano de. Correspondência de Capistrano de Abreu, volume 1; edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 349-350).

Independentemente das opiniões de Capistrano de Abreu, Taunay se envolveu nesta polêmica com tamanha dedicação e bom humor que nada nem ninguém conseguiram demovê-lo do intento de mostrar, a quem quisesse ler

seus livros, a estreita compreensão que o lexicógrafo português demonstrava em relação aos brasileirismos e regionalismos apresentados pela literatura brasileira, bem como das invenções tecnológicas e das terminologias zoológicas e científicas que tanto fizeram parte do cotidiano de formação de Taunay na Politécnica, na docência das aulas de Química e Física, adensando-se após sua entrada no Museu Paulista, em 1917.

Se os outros livros que escreveu e que ainda estava produzindo significavam para Taunay um trabalho levado a cabo para sua satisfação pessoal, mas, principalmente, para o Museu, para os Institutos e eram financiados pelo governo municipal e estadual de São Paulo, os livros *Reparos ao dicionário de Cândido de Figueiredo* (Taunay, 1926) e *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses* (Taunay, 1928) representavam uma questão tão subjetiva que foram dedicados à família, o primeiro à esposa “Sara Querida, em lembrança de 1907 e em lembrança de 1918...” e o segundo a “Ana, Paulo, Augusto e Clarisse, lembrança muito grata à sua afeição de filhos ótimos”. Estas obras apresentam um lado mais espontâneo da escrita de Taunay e assim a ironia toma conta do texto. Taunay considerava que a língua, dentre todas as fontes existentes, era a mais inesgotável, pois a cada dia novas palavras eram criadas para denominar as inovações tecnológicas, os novos hábitos da sociedade, além das descobertas lingüísticas da própria historiografia. Provavelmente, pensava ele: se grande parte do meu ofício é preencher lacunas e corrigir os erros dos outros, na língua, esta fonte inexaurível, encontro o meu deleite.

No entanto, como toda boa polêmica, o autor do *Novo dicionário da língua portuguesa* rebateu as críticas de Taunay na obra *Combates sem sangue: em favor da língua portuguesa* publicada em Lisboa em 1925, ano de sua morte. Em resposta, Taunay, no último capítulo de *Insuficiência e deficiência*, escreveu aquilo que denominou de “Suprema humilhação, Confissão de derrota, Ato de contrição”. Cândido de Figueiredo acusou Taunay de desconhecer a ciência lexicográfica e que, portanto, o seu método de preenchimento de lacunas por meio da literatura, dos documentos e da historiografia era ultrapassado. Diante de tal crítica ao método empregado, Taunay satirizou a partir de uma história contada por seu pai e compôs uma cena na qual os grandes mestres, citados por Figueiredo, estavam em uma sala para aplaudir

o “novo gênio da língua portuguesa e da filologia comparada, o sr. Cândido de Figueiredo” e, de repente, perceberam a presença “do díscolo Taunay”. Vejamos o que aconteceu ao dissidente e anacrônico que queria escrever vocabulários sem, ao menos, conhecer o método:

Descobriu-me e interpela-me compassivo e meigo:

— Vae-te! Retira-te de minha presença e some de minhas vistas! Que fazes aqui? Pobrezinho! Ignoras a ciência de Bopp, de Schlegel, de Whitney e Burnouf! Há cem anos atrás podias ser um dicionarista razoável. Hoje não! Vae-te! some-te de minha presença! Tomado de infundo respeito levanto os olhos e percebo nos rostos geniais dos grandes mestres da filologia a confirmação da imperativa ordem:

— Não nos podes compreender! clama-me um assomado.

— Quem és tu, *minus habens*? Verbera-me outro.

— Por que não nasceste um século antes, animal? apostrofa-me um terceiro furibundo e quiçá belicoso.

E, um por um, os grandes do humanismo e da filologia acabrunham-me com os seus anátemas. Espavorido, ponho-me a rastejar em reptação retrógrada. E tão acabrunhado pela majestade da cena e a magnitude da reprovação daquela assembléia de colossos que prorrompo em brados insopitáveis, entrecortados de soluços atroadores:

— Perdão, augusto mestre! Perdão, augusta assembléia! *Peccavi!* Deixai-me passar este latinzinho. *Cor contrictum et humiliatum!* É mais este! Vem a calhar. É do *Miserere mei Deus!*

Reconheço o meu erro imenso, o meu orgulho horrendo! Não! De ora em diante, serei o primeiro a apregoar a exatidão de tudo o que contestei ao *Novo Dicionário da Língua Portuguesa ...*

Assim, passo a afirmar: [...]

Que periscópio é o mesmo que caleidoscópio, [...]

Que floriano se diz no Brasil do estilo do fabulista Florian, [...]

Que golfinho é um peixe da família dos cetáceos,

Que a abelha guaxupé é um penteado das mulheres  
brasileiras,  
Que o furão é um mamífero vermiforme,  
Que o carrapato é um crustáceo, [...]  
Que no *Novo Dicionário* não há lacunas!  
(Taunay, 1928, p. 151-3).

O ano de publicação deste livro era 1928. Taunay havia recusado os convites que começaram a chegar em 1924, após o surgimento do primeiro volume da *História Geral das Bandeiras Paulistas*, para concorrer à imortalidade, mas ao final da década os primeiros sinais de que poderia ceder começavam a surgir. No entanto, além das publicações lexicográficas e de sua produção historiográfica já volumosa, uma mudança ocorrida na Academia em 1924 colaborou efetivamente para a eleição de Taunay:

Meu caro Dr. e ilustre amigo,  
Não imagina a satisfação com que li hoje, de manhã, num telegrama, daí, a notícia da sua nomeação para a vaga do excelente José Vicente, que fica tendo o mais digno e competente dos substitutos. Breve vou mandar-lhe umas notícias como fazia com o seu bom predecessor, referentes a umas novas edições de meu pai. Remeto-lhe em data de hoje, mas para o Sr., o primeiro tomo dos Anais do Museu Paulista [...] (Carta de Afonso de Taunay a Fernando Nery, São Paulo, 29 de março de 1924, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal. (grifo do autor)).

Nesta carta datada de março de 1924, Taunay felicitava a entrada do amigo Fernando Nery na direção da secretaria da ABL e expressava que gostaria de continuar mantendo com ele a mesma troca de correspondência que realizava com seu antecessor desde 1919 para informá-lo a respeito das ed-



ições dos livros de seu pai, o Visconde de Taunay. No entanto, em julho daquele ano Taunay enviou a Nery outra carta em resposta à sugestão para que se candidatasse a uma vaga na ABL. Naquele momento, Taunay dizia-se totalmente inteirado das regras da instituição e, portanto, sem condições para concorrer:

Li com muita atenção o que me diz e acho a coisa muito inviável. Não quero fazer de pobre soberbo nem dizer contra a consciência que a combinação não me seria útil e muito agradável. Mas é que a vejo com bom êxito sobremodo duvidoso. Aí conto apenas com três ou quatro simpatias bastante anódinas e nenhuma amizade segura; em compensação tenho certeza de concentrar pela frente cinco ou seis antipatias positivas e fortes e irredutíveis. Bem sei que para se vencer o perigoso passo é preciso ter um patrono, ou mais patronos prestigiosos e, sobretudo, dedicados (Carta de Afonso de Taunay a Fernando Nery, São Paulo, 11 de julho de 1924, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, *Arquivo Afonso de Taunay* (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal).

No entanto, Taunay não perdeu a oportunidade e enviou ao amigo a monografia “Pedro Taques e seu tempo” (Taunay, 1922a) para o Concurso de Erudição da ABL. Com esse envio, Taunay concorreu e ganhou o prêmio de erudição no concurso realizado em 1924 e em 1926 também.<sup>8</sup> Portanto, sua ligação com a Academia foi se estreitando cada vez mais e a cada vaga que surgia novamente Fernando Nery sugeria a Taunay que se candidatasse. Como secretário da ABL, ele buscava se inteirar dos bastidores das eleições e escrevia ao amigo Taunay dando detalhes dos conchavos conhecidos. Em 1925 não foi diferente. Enquanto Taunay publicava o segundo volume da *História geral das bandeiras paulistas* e tentava alinhar apoios junto à Câmara Municipal de São Paulo para a impressão dos quatro volumes da *História seiscentista da vila de São Paulo*, Nery lhe instigava novamente. Taunay, convencido da inadequação de tal exposição, lhe respondeu que “seria dar murro em ponta de faca”, pois como já havia explicado em outros momentos, sabia o que era “preciso fazer para o triunfo”, ou melhor, sabia o que era “preciso ser, para se lograr êxito”. Ele reclamava por não possuir nenhum dos trunfos

necessários: “fortuna ou posição política ou então, um longo, paciente e humilde trabalho de cabala” (Carta de Afonso de Taunay a Fernando Nery, São Paulo, 25 de setembro de 1925, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, *Arquivo Afonso de Taunay* (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal). Aproveitando o exato diagnóstico de Taunay, Nery durante os anos de 1926 e 1927 buscou deixá-lo ciente das possibilidades dos nomes que poderiam apoiá-lo para dar início à cabala,<sup>9</sup> já que não dispunha das demais cartas do jogo.

Em 1928, Taunay mudou o tom de suas cartas, talvez pela boa acolhida dos trabalhos lexicográficos e, certamente, pelo bom andamento dos seus estudos históricos. Ele parecia estar pronto para começar a jogar, mas ainda hesitava um pouco diante de algumas regras: ”Tomo nota das suas recomendações amigas a respeito da conspiração. Não compreendi bem um ponto, acha você que eu deva escrever já ao Medeiros, Fernando e outros amigos? Mas isto não é odioso, não havendo nenhuma vaga?” (Carta de Afonso de Taunay a Fernando Nery, São Paulo, 3 de agosto de 1928, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal. (grifo do autor)).

Fernando Nery sabia que para conseguir o número de votos necessários, Taunay deveria mostrar interesse em ser imortal, não importando se havia ou não vaga naquele momento. Os eleitores imortais deveriam saber da pretensão do historiador Taunay, pois ao menor sinal de vacância de uma cadeira o seu possível eleitorado precisava estar pronto para conseguir convencer os opositores. No entanto, mesmo com as orientações de Nery, Taunay parecia não querer a exposição. O tom das cartas sugere que ele gostaria de ser aclamado acadêmico e não ficar mendigando os votos entre os imortais:

Meu caro Nery,

Recebi a sua, como de costume, afetuosa carta. Dos amigos consultados não vejo muito como possa dirigir-me a diversos, como por exemplo, ao João Ribeiro, Medeiros [e Albuquerque] (que nunca me fizeram o menor avanço e mal conheço, aliás) e também Afonso [Celso] que, uma vez interrogado, positivamente, pelo Max [Fleiüss], “fechou-se em copas”, completamente, e até de modo meio

ríspido. Creio que, em hipótese alguma posso dirigir-me a ele depois de tal demonstração que se passou em minha presença, e foi inteiramente espontânea por uma destas mostras de cordialidade e amizade do Max [...] como já disse a você é muito sério para mim uma derrota ou uns 4 ou 5 votos, me porá aqui em posição muito penosa e deprimente. Em muito prefiro não correr o risco de tão desagradável prova. Se eu não tiver garantia de dez votos prévios para um escrutínio não me meto na fornalha. Até agora só tive como manifestações de simpatia positiva três ou mais duas de ténue interesse, coisa mais de polidez do que outra coisa (Carta de Afonso de Taunay a Fernando Nery, São Paulo, 15 de agosto de 1928, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal).

A vaidade pessoal e a posição que Taunay ocupava no cenário intelectual paulista deixavam-no nesta indecisão, mas com a morte do acadêmico Luís Murat em 11 de julho de 1929 as pressões aumentaram e, nesse momento, não somente o secretário da ABL continuou estimulando sua candidatura. Como era de se esperar, alguns imortais começaram a cabala. O poeta e acadêmico fundador da cadeira número oito, Alberto de Oliveira, escreveu-lhe uma carta logo após a morte de Murat em que aconselhava: “Permita-me que eu lhe dê um conselho: inscreva-se. Isso feito e sabido dissipar-se-á a ameaça de umas tantas candidaturas e o incômodo dos pedidos que causam estas ocasiões sobre os acadêmicos, porque você é nome que todos temem” (Carta de Alberto de Oliveira a Afonso Taunay, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1929, APMP/FMP, 3ª entrada, pasta 295). É importante compreender que Taunay recebeu várias cartas com o mesmo conteúdo desta, no entanto, somente no momento da eleição entendeu que elas não significavam, necessariamente, votos.

Fernando Nery continuou insistindo para que Taunay se candidatasse, remetendo-lhe cartas e recados por meio de amigos comuns. Depois de alguns dias, percebendo que havia uma possibilidade mais concreta de êxito,

Taunay decidiu enfrentar a eleição e passou a enviar os pedidos de votos para os imortais. Algumas respostas, rapidamente, começaram a chegar:

Prezado Amigo e Confrade Sr. Afonso d'E. Taunay,  
Afetuoso aperto de mão. Nunca, a nenhum candidato à Academia manifestei o meu voto antes da eleição. O Sr., porém, me mexeu tanto, que abro a primeira exceção, declarando que pode contar comigo. Pelo que tenho ouvido, penso que é caso de felicitá-lo antecipadamente. Cria-me deveras todo seu, Conde de Afonso Celso (Carta de Conde de Afonso Celso a Afonso Taunay, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1929, APMP/FMP, 3ª entrada, pasta 295).

Taunay, que guardava uma impressão negativa da opinião de Afonso Celso quanto à sua candidatura, agradeceu-lhe orgulhoso:

Sr. Conde e meu ilustre amigo,  
Recebo neste instante a sua prezadíssima carta que tanto e tanto me desvanece trazendo-me mais uma demonstração de um apreço sobremodo honroso como é o seu. Obrigadíssimo pela exceção de que me fala. Enche-me de verdadeiro desvanecimento. Muito obrigado pelas bondosas alvíssaras. Vamos a ver no que dá tudo isto (Carta de Afonso de Taunay a Conde de Afonso Celso, São Paulo, 30 de setembro de 1929, Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay (Coleção) – Série 1 – Correspondência Pessoal).

Depois de “tudo isto”, primeiro a negação e depois todo o trabalho de agregar votos, expondo-se diante de homens de letras que mal conhecia e, principalmente, na imprensa que era personagem central desse espetáculo, Taunay foi eleito na tarde de 7 de novembro de 1929 para a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras. Os jornais noticiaram no mesmo dia a

concorrida disputa. A segunda edição do jornal *O Globo* estampava a foto de Taunay e a seguinte nota:

Apresentaram-se candidatos, conforme antecipamos em nossa primeira edição, o poeta Hermes Fontes e o historiógrafo paulista Afonso d'Escragnonle Taunay, apurando-se o seguinte resultado:

1º escrutínio: Hermes, 14 votos, Taunay, 19; 2º escrutínio: Hermes, 13 votos, Taunay, 20.

Foi eleito, portanto e assim proclamado, o Sr. Afonso Taunay por 20 votos contra 13 obtidos pelo poeta das "Apotheoses".

Compareceram à sessão 29 acadêmicos, sendo de 33 o número de votos com que se procedeu a eleição ("A eleição de hoje na Academia Brasileira de Letras". *O Globo*, Rio de Janeiro, 07/11/1929. Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay - Série 3 - Hemeroteca).

A eleição provocou na imprensa notas de reconhecimento "ao historiador de marcado relevo", "figura ilustre da intelectualidade e diretor do Museu Paulista", mas também reacendeu a discussão a respeito dos critérios de escolha dos acadêmicos e, especialmente, das definições das letras. Afinal, um historiador era um letrado? Por que um poeta havia perdido para um historiador? O jornal *A manhã* fez críticas duras a ABL: "esta que vá se enchendo de médicos e historiógrafos que continuará muito bem..." ("Para a vaga de Luis Murat na Academia de Letras". *A Manhã*, Rio de Janeiro, 08/11/1929. Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Afonso de Taunay - Série 3 - Hemeroteca).

Estava posta novamente a polêmica, mas como eleição na Academia parece se definir como polêmica, Taunay foi festejar a vitória congozando com os amigos da redação do *Correio Paulistano* e enviando cartas aos imortais mais íntimos.

Dentre os letrados, o imortal eleito no ano anterior, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz (1846-1938) — que em 1911 foi o relator do parecer favorável da Comissão de História responsável por julgar

a relevância das produções de Taunay para a sua admissão como sócio do IHGB — recebeu a notícia da eleição com entusiasmo e saudou o amigo:

Um abraço de parabéns: está o meu amigo eleito membro da Academia. Não foi unânime a eleição, como eu desejara; influências ministeriais infelizmente intervieram, ao que parece, a favor do seu concorrente, que estava a pique de ganhar a partida. Graças a Deus, vingou o mérito. Agora, meu amigo, é continuar na faina brilhante. É você dos nossos, e ainda bem! Sempre amigo velho, Ramiz (Carta de Ramiz Galvão a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 1930, Coleção Afonso de Taunay (2ª. entrada), pasta 4).

O ainda mortal Paulo Setúbal (1893-1937), considerado “o maior expoente” (Ferreira, 2002, p. 242) no gênero do romance histórico, o autor “mais lido e popular do período” (Gomes, 1996, p. 120),<sup>10</sup> que repousava na Suíça para curar-se da tuberculose, também escreveu para Taunay, felicitando-o:

Acabo de receber, pelo correio de hoje, uma carta do nosso amigo querido — o Alípio Canteiro — com uma notícia para mim encantadora, a sua eleição para a Academia Brasileira. Bravos! Que bela e nobre, e justa escolha! O ilustre autor da História das Bandeiras não vai apenas enfeitar o cenáculo: vai dar a ele esse brilho, fulgor autêntico, que vem dos que tem valor de verdade. O meu coração de amigo está hoje envaidecido [...] (Carta de Paulo Setúbal a Afonso Taunay, Montana, 2 de dezembro de 1929, APMP/FMP, 3ª entrada, pasta 295).

No entanto, outra Academia queria ver o nome de Afonso de Taunay ligado ao dela. Enquanto decidia durante o mês de agosto se disputaria com Hermes Fontes a cadeira número 1 da ABL, em São Paulo Taunay foi solicitado a participar do “ressurgimento” da Academia Paulista de Letras. Fundada em

27 de novembro de 1909, “por volta de 1921 esmorecia e definhava” (Ellis, 1999:16) a APL. Taunay fez uma análise da situação desta instituição para o amigo Paulo Setúbal na qual considerava, em última instância, que ela não deveria existir, porém pressionado por amigos, Taunay acabou cedendo e entrando para esta instituição também no ano de 1929:

No microcosmo literário a grande novidade foi a ressurreição da Academia Paulista de Letras. Convidaram-me para ela, recusei, re-convidaram-me, re-recusei por estar convencido da nula eficiência desta sociedade que sempre foi tão caipora. Mas os amigos aclamaram-me e assim não tive remédio senão ceder a tão gentil intimação. Pensei que depois de tão longo colapso a coisa ressurgisse com melhor jeito e creio que me enganei redondamente. Encontrei o mesmo espírito, vaidoso de academismo, macaqueador e frívolo. [...] Nas sessões preparatórias fiz o possível para que a reorganização se fizesse sob bases mais justas e prestigiadoras, protestei contra a não inclusão de Paulo Setúbal, Paulo Prado, Monteiro Lobato, Altino Arantes, Martins Fontes, Pires do Rio, Franco da Rocha, Gofredo Teles. Pedi a supressão do total fóssil dos 40 lugares elevando-se as cadeiras para 50, pedi ainda a troca do nome de Academia para outro menos pretensioso e vi-me repellido *in limine* e só apoiado por Arthur Motta. Cada vez mais me convenço que para se trabalhar e produzir só há uma coisa: o isolamento. A Academia se refez com alguns bons nomes como: Arthur Motta, Menotti [del Picchia], Guilherme [de Almeida], [Alfredo] Ellis, Plínio Salgado, Lourenço Filho, Veiga Miranda, etc, mas não tenho absolutamente esperanças de que vá por diante, tanto mais quanto não tem onde cair morta e em São Paulo é a terra de vale quem tem (Carta de Afonso Taunay a Paulo Setúbal, São Paulo, 22 de agosto de 1929, APMP/FMP, 3ª entrada, pasta 295).

Elucidativa essa longa, mas muito precisa análise que Taunay fez da Academia Paulista de Letras. Ela não conseguiria a projeção almejada e até a atualidade não alcançou o *status* da Academia Brasileira de Letras. Diferentemente da ABL, para a APL Taunay não teve que fazer conluios, naquele momento, pois a sua posição em São Paulo já estava consolidada, digamos que os conchavos já vinham de longa data. Talvez por isso, por não considerar

esta posição como uma distinção, Taunay tenha desdenhado tanto a cadeira número 36 que tinha como patrono Euclides da Cunha (1866-1909) e foi ocupada, posteriormente, por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), seu aluno no Colégio de São Bento, que também o substituiu, em 1945, na direção do Museu Paulista.

Alberto Rangel, autor que dá início a este capítulo com uma crítica fervorosa à ABL, se soubesse da afirmativa de Taunay de que para produzir e trabalhar o isolamento era o melhor companheiro, não o perdoaria pela falta de coerência entre suas palavras e ações, pois durante os três meses posteriores à escrita desta análise crítica da APL apresentada a Paulo Setúbal, Taunay participou de todas as intrigas e combinações secretas exigidas para agregar ao seu nome o distintivo: “Da Academia Brasileira”. Em suas obras publicadas após 1930, essa marca substituiu, na maior parte das vezes, a outra, adquirida em 1917, “Diretor do Museu Paulista”. No entanto, além da distinção consagrada, a ABL representou para a produção historiográfica de Taunay uma das leituras críticas mais elaboradas a respeito de sua obra na época.

### **Depois da eleição, a posse e a crítica teórica**

Taunay foi recebido na Academia Brasileira de Letras em 6 de maio de 1930 por Edgar Roquette-Pinto (1884-1954). A praxe acadêmica pedia que o ingressante fizesse uma apreciação da obra e da trajetória pública de seu antecessor na cadeira e o imortal encarregado de introduzir o mortal à imortalidade deveria apresentá-lo a este novo ambiente.

Taunay, como de costume, preparou um longo texto a respeito do jornalista, poeta e político, fundador da cadeira número 1, Luís Murat (1861-1929) e ao final afirmou, como era de se esperar, que o assunto era tema para um largo tomo. Esse volume Taunay não escreveu, contudo, produziu outros tantos e aproveitou a platéia para falar deles.

Apegado sempre às suas origens, Taunay narrou um episódio familiar. Contava seu pai ao seu avô que, certa feita, na viagem de volta de Mato Grosso ao litoral, perguntou a um tropeiro a respeito da distância que ainda teriam que percorrer até chegarem a Santos e o tropeiro, desalentando-o respondeu:



quatrocentas léguas. Naquele momento, a conversa foi interrompida pelo menino Afonso de sete anos que, admirado, indagou-os: “Sempre no Brasil?” Seu avô sorrindo, respondeu: “Sempre, certamente! Isto não é nada para o Brasil, saiba-o você”,<sup>11</sup> Segundo Taunay, essa resposta o deixou perturbado e, quando acrescida das várias histórias de viagem que seu pai lhe contara durante a infância e a adolescência, deixaram-lhe “a impressão de mistério”, de “verdadeira fascinação” pela História do povoamento do Brasil. Sua mãe, percebendo suas inclinações, contratou o geógrafo Alfredo Moreira Pinto e o historiador Capistrano de Abreu para ministrar aulas dessas disciplinas ao filho. Dessa forma, Taunay retrçou, perante os imortais, a já conhecida história de sua formação que o levou a pesquisar a História das bandeiras e a torná-lo conhecido, por consequência, como o Historiador das Bandeiras.

A principal História que Taunay produziu a partir destas motivações juvenis contava naquele ano de 1930 com seis volumes publicados e tinha como principal eixo de narrativa a expansão do território, qualificada por ele de “a conquista do Brasil pelos brasileiros”. No entanto, para Roquette-Pinto o que interessava nessa História não era o território, mas sim a raça. A partir desse ponto do discurso, Roquette-Pinto passou a dissertar a respeito da *História das Bandeiras* dizendo como ela deveria ter sido escrita. Destacando aspectos dos livros de Taunay, ele apresentou suas próprias interpretações dos acontecimentos narrados:

Mais de uma vez tenho perguntado a mim mesmo, perplexo ao ver escritores brasileiros de talento e cultura repetir balofas necedades a respeito dos irremediáveis desastres sociais que seriam os povos mestiços, tenho perguntado a mim mesmo: como é possível crer mais nos livros falsos do que na própria natureza. Sejam quais forem as tristezas que o espetáculo da vida nacional, em qualquer tempo, haja de suscitar em nossa alma, o Brasil é uma realidade; desmente as teorias... (Resposta do Sr. Roquette-Pinto. *Discursos Acadêmicos* (1927-1932), vol. VII, 1937, p. 230).

Taunay, acostumado com as glórias, com os louros fáceis dos elogios em cartas, nos jornais, em citações nas obras de outros autores, estava diante das

mais duras críticas que recebeu no período. Como diretor do Museu Nacional, Roquette-Pinto presidiu, em 1929, o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia do qual resultou, entre outras ações, a produção do *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o racismo* assinado também por Gilberto Freyre, Artur Ramos, entre outros (Pallares-Burke, 2005, p. 332-45). Este documento “representou a primeira expressão pública de cientistas brasileiros contrários ao racismo” (Schwarcz, 1993, p.259). Nesse Congresso, o antropólogo Roquette-Pinto se opôs à maioria dos participantes que “defendiam a aplicação de uma política eugenista radical e a teoria degeneracionista da mestiçagem” (Schwarcz, 1993, p. 96).

Diante de um antropólogo com perspectivas teóricas ligadas aos ensinamentos de Mendel e Franz Boas, os textos de Taunay foram colocados à prova. Roquette-Pinto destacou que a combatividade e a mobilidade que animava os sertanistas traçados por Taunay eram características ameríndias, não de dólico-louros. Teorias distintas foram colocadas em conflito naquela recepção do novo imortal e a verdade moderna que comportava ambas estava em disputa. Taunay que partilhava dos princípios metodológicos de Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942), seguia produzindo História em busca da verdade (Anhezini, 2009, p. 221-60), se viu confrontado pelo antropólogo que enfatizava: “não há retórica que destrua a verdade; nem livro que desminta a vida” (Resposta do Sr. Roquette-Pinto. *Discursos Acadêmicos* (1927-1932), vol. VII, 1937, p. 231).

Não sei, sr. Afonso de Taunay, se fostes sempre bem inspirado consagrando no primeiro volume da vossa História, um capítulo ao que chamastes *arianização progressiva* dos paulistas, porquanto a antropologia ensina que o *sangue ariano* é uma utopia. Em todo caso afirmais muito bem: “é com elementos quase unanimemente euroamericanos que efetua sua obra a raça de gigantes de Saint-Hilaire (Resposta do Sr. Roquette-Pinto. *Discursos Acadêmicos* (1927-1932), vol. VII, 1937, p. 231).

Referia-se Roquette-Pinto aos capítulos 2 e 3 da primeira parte do

tomo 1 da *História Geral das Bandeiras Paulistas* em que Taunay acompanhou as opiniões de Oliveira Vianna para explicar a formação do povo paulista. No entanto, não foram apenas nesses capítulos que a temática racial apareceu na obra de Taunay. Ela marcou fortemente os três primeiros volumes publicados em 1924, 1925 e 1927. Nesses tomos, Taunay se colocou entre as teses de Vianna e os elementos germânicos apontados por Pedro Taques Paes Leme para as origens lusitanas. A partir do quarto volume, a tese, já presente nos outros tomos de forma contraditória e, às vezes ambígua, como mostrou Roquette-Pinto, de que os paulistas foram formados por elementos, preponderantemente, euro-americanos vai ganhando espaço e o mameluco toma o lugar do *dólico-louro* para explicar a formação do paulista descrita por Taunay.

Apesar das discordâncias, Roquette-Pinto estava recebendo um novo membro na competida Academia e, portanto, terminou o seu discurso gentilmente afirmando:

Pelo que aí fica, sr. Afonso de Taunay, podeis ver que, se não estou sempre de perfeito acordo convosco, sou sempre um vosso humilde leitor maravilhado pelo carinho e pela consciência, com que tomais parte no grande e nobre movimento intelectual que é, na República, a *história dos brasileiros que conquistaram o Brasil* (Resposta do Sr. Roquette-Pinto. *Discursos Acadêmicos* (1927-1932), vol. VII, 1937, p. 237.)

Essa não era apenas uma gentil finalização de discurso, na verdade, representava uma das mais salutares características do mundo intelectual. Juntos, Taunay e Roquette-Pinto foram trabalhar com Humberto Mauro na execução dos filmes *O descobrimento do Brasil* (1937) e *Bandeirantes* (1940). Taunay, já como imortal, divulgou na *Revista* da Academia Brasileira de Letras o filme *Bandeirantes*, destacando o intuito que Roquette-Pinto tinha de prosseguir, após a realização de *O descobrimento do Brasil*, a “difusão das cenas nobres da nossa terra”. Roquette-Pinto imaginou, como Taunay contou nesse artigo, a composição de um filme, destinado a todas as escolas do Brasil, “encerrando motivos hauridos da epopéia bandeirante”. Para a

realização de tal empreendimento, ele solicitou a colaboração de Taunay, que aceitou o convite e relatou ter vivido “longas horas das mais agradáveis” na execução deste trabalho (Taunay, 1941, p. 298-307).

Ser um *metódico à brasileira* era assim, Taunay seguia a leitura que realizou dos “princípios gerais da moderna crítica histórica”, as orientações de Capistrano de Abreu — que imperativamente dizia: “não deixe material para os outros” —, acompanhava a profusão de documentos que seus leitores indicavam, enviavam, ou ainda, publicavam em suas obras que dia-a-dia saíam das prensas e incorporava críticas como as de Roquette-Pinto enfrentando-as como mais um documento a ser investigado.

No sétimo volume da *História Geral das Bandeiras Paulistas*, publicado em 1936, em que Taunay iniciou a narrativa dos “episódios de Palmares”, Roquette-Pinto apareceu ao lado de Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, entre outros, todos especialistas que, independentemente de suas visões conflitantes a respeito “das conseqüências dos contatos afro-euro-americanos” (Taunay, 1936, p.322), foram considerados na realização da obra.

Contudo, a composição do texto por mais que se quisesse imparcial, nunca o foi. As simpatias por teorias e interpretações, as amizades e afinidades, os argumentos que corroboravam as opiniões e os encaminhamentos dos textos de Taunay sempre integraram sua composição da História. A relação pessoal com Oliveira Vianna e a admiração por suas idéias não abandonaram a obra e a vida de Taunay. Em 1940, ele foi escolhido para receber Vianna na Academia Brasileira de Letras e reafirmou sua admiração pelas idéias expressas em *Populações Meridionais do Brasil* definido por Taunay como um “livro de sociologia aplicada à história com o intuito de definir as características da psicologia política e social dos nossos grupos centro meridionais” (Recepção do Sr. Oliveira Vianna na Academia Brasileira de Letras em 20 de julho de 1940. Discurso do Sr. Oliveira Vianna. Resposta do Sr. Afonso de Taunay. Discursos Acadêmicos (1938-1943), vol. XI, 1944, p. 243) que defendia a tese “da preponderância diretiva marcante do espírito ariano na formação brasileira” ((Recepção do Sr. Oliveira Vianna na Academia Brasileira de Letras em 20 de julho de 1940. Discurso do Sr. Oliveira Vianna. Resposta do Sr. Afonso de Taunay. Discursos Acadêmicos (1938-1943), vol. XI, 1944, p. 245).

## **Após a posse da imortalidade, o apoio aos mortais e a afirmação das posições**

Antes de receber Oliveira Vianna no final da década de 1930, Taunay apoiou a candidatura de alguns amigos. O primeiro empenho de Taunay se voltou para ajudar o secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, “o velho amigo Max Fleiüss” a ingressar na ABL. Max em 1911 garantiu o ingresso de Taunay no IHGB e o laço de amizade existente desde então somente se estreitou com o passar dos anos.

Meu caro Max,

Deves saber o que conversei com a boa D. Sinhá pelo telefone; estou pronto a fazer o possível pelo triunfo da tua candidatura, mas é preciso que te apresentes já e já porque a pressão está começando fortíssima, já rebati três golpes. Vou começar a escrever cabalando por ti. Infelizmente as minhas relações com o Guilherme [de Almeida] e Alcântara [Machado] são mínimas, embora cordiais. Em todo o caso vou escrever e falar a ambos. Creio que vais ter muito mar pela proa. O [Osvaldo] Orico nada conseguirá, o Múcio [Leão] é muito moço ainda embora rapaz de valor, o Tristão [de Ataíde, Alceu Amoroso Lima] é pessoa distintíssima a quem muito prezo, aliás, nada me pediu e é muito, aliás, muitíssimo moço, fatalmente mais dias, menos dias será da Academia (Carta de Afonso de Taunay a Max Fleiüss, São Paulo, 3 de dezembro de 1931, Arquivo do IHGB, Max Fleiüss, lata 469, pasta 19).

Max Fleiüss ouviu as indicações do amigo e logo se apresentou candidato à vaga aberta pelo falecimento de Alberto de Faria. A eleição ocorreu em 7 de abril de 1932. Max concorreu em quatro escrutínios com Maurício de Medeiros, que somente foi eleito em 1955, Veiga Miranda, Osvaldo Orico, eleito em 1937, Getúlio Schilling, Lindolfo Gomes e Silvio Júlio de

Albuquerque Lima. No entanto, nenhum candidato conseguiu a maioria de 18 votos exigida para a eleição. No dia seguinte, Max apresentou-se novamente como candidato à vaga na Academia e utilizou como uma das justificativas o valor que esta cadeira significava para ele, particularmente, por ter como patrono Francisco Adolfo de Varnhagen, também um historiador. Esta menção foi amplamente divulgada nos jornais, mas Max não conseguiu se eleger. Esta vaga foi preenchida somente em 16 de maio de 1933 por Rocha Pombo (1857-1933), que bastante adoentado faleceu antes de tomar posse.

As regras do jogo para o ingresso na Academia Brasileira de Letras eram bastante complicadas e envolviam a cada eleição um novo rol de elementos de acordo com os candidatos que se apresentavam. Taunay levou alguns anos para aprender estas regras, e na eleição do amigo Max ainda não desfrutava de muitos contatos, pois ainda era um recém-imortal, contudo, após este aprendizado ele já estava apto a ensinar:

Meu bondoso Dr. Taunay,  
Afetuoso abraço.

Recebi os seus dois cartões (um deles verdadeiramente hieroglífico!) datados do Rio. Agradeço as notícias que tem a bondade de me enviar. Eu, por elas, fiquei radioso. E parece que tenho razão, não é? Continuo, porém de acordo com o seu conselho, a não dormir sobre os louros. E, ainda, de acordo com o senhor, ou antes, de acordo com o ótimo neologismo — a votopexia! — a botar pedidos sobre pedidos em torno dos votos...(Carta de Paulo Setúbal a Afonso de Taunay, São José, 28 de maio de 1934, APMF/FMP (3ª entrada), p. 295).

Taunay sabia bem que Setúbal não podia confiar em todas as promessas de votos. Guardava de sua própria eleição, ainda recente, a experiência. Ele, que contava ser eleito no primeiro escrutínio por unanimidade, de acordo com as declarações recebidas antes do pleito, passou por duas votações e esteve a um passo de perder. Não contava Taunay, com as oscilações de opinião do poeta Alberto de Oliveira. O poeta, apesar de prometer-lhe apoio,

votou em seu concorrente, Hermes Fontes, no primeiro escrutínio e, somente ao perceber que a eleição não se resolveria, mudou de posição e confirmou seu voto para Taunay. Segundo o Jornal *A manhã*, que criticou a entrada de Taunay na ABL, a derrota do poeta deu-se graças a outro poeta.<sup>12</sup>

No entanto, enquanto Taunay e Paulo Setúbal tratavam de congregar os apoios de Ramiz Galvão, Conde de Afonso Celso, dentre outros, para a eleição na ABL, discutiam também o *El Dourado*:

Estou dando os últimos retoques ao meu “El Dourado” (que tal o título? interessa?) e penso tê-lo definitivamente pronto, isto é, passado a sua paina, revisto, etc., no fim de semana. Assim sendo, conto botar aí no próximo sábado.

Será ocasião de pôr os originais na sua mão e ver qual é a sua opinião sobre esse trabalho. E depois — prelo! Sábado, pois conversamos (Carta de Paulo Setúbal a Afonso de Taunay, São José, 28 de maio de 1934, APMF/FMP (3ª entrada), pasta 295).

*El Dourado* era mais um romance de Paulo Setúbal que objetivava “dotar a história de tons belos e comoventes, com probidade e sustento documental” (Ferreira, 2002, p.243), portanto, ninguém melhor para auxiliá-lo do que Taunay. No entanto, diferentemente das obras do “mestre Taunay”, que também escrevia História com tons de romance, os livros de Setúbal eram romances históricos que alcançaram vendagens significativas para a época o que levava o autor a se convencer do papel educativo da divulgação romaneada dos fatos da História. O texto de apresentação do livro *El Dourado* é emblemático da diferença entre as produções historiográficas de Taunay, situadas no âmbito dos Institutos Históricos e produzidas em diversos volumes de difícil acesso para o público mais amplo e da vulgarização de Setúbal por meio de romances históricos concisos:

Cerca de vinte mil leitores, no curto prazo de três semanas, compraram os meus dois últimos livros — *O ouro de Cuiabá* [1933] e *Os irmãos Leme* [1933]. [...]

*El Dourado*, saibam-no todos, não passa de sossegada crônica. Crônica que traz à baila, reavivado apenas, um velho lance da História brasileira: a descoberta do ouro nas Gerais. Reavivado apenas, sim. Pois o que está escrito nestas páginas, leitores amigos, anda esparso em muito autor antigo. E também em alguns autores modernos. Entre os modernos, à frente dos quais avulta o eminentíssimo Calógeras, cuja obra — *As minas do Brasil e sua Legislação* — seria triste lugar comum estar a gente aqui a encarecer, eu folgo neste passo destacar um nome: Basílio de Magalhães. A obra deste bandeirógrafo notável — *Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII* — é uma escassa monografia de cem páginas. Mas que cem páginas! Há nesse magro opúsculo, fortemente condensada, mais erudição histórica do que em muitíssimo livro grosso: é, simplesmente, uma pequenina obra magistral. Ora, assim sendo, o que vai escrito nestas páginas, por certo sabem-no com profusão essa meia dúzia de eruditos que, nos nossos Institutos Históricos...

(Neste ponto, tenho a certeza, vai interromper-me com vivacidade o meu estremeado amigo Afonso de Taunay:

— Meia dúzia só? Upa! Muito mais...

— Muito mais, mestre Taunay?

— Muitíssimo mais, caro romancista! Pelo menos o dobro...

— Doze? É demasiado, meu grande historiador! Onde vai vosmecê descobrir, no Brasil, doze sabedores de História Pátria? Eu dou de barato, vá lá, que seis sejam pouco. Mas doze? Não é possível! Vamos entrar num ajuste: digamos que sejam oito.

— Não senhor! Eu também dou de barato, vá lá, que seja um número exagerado. Mas oito? Também é pouco. Façamos um acordo: dez.

— Dez? Pois aceito o cálculo... Não discutamos mais: dez!)

O que vai escrito neste livro, portanto, sabem-no com profusão esses dez de mestre Taunay. Mas acontece que esses dez não são o Brasil. O Brasil são quarenta milhões (Setúbal, 1956, p.7-8).



As palavras de Setúbal mostram o momento difícil de definição das áreas de produção do conhecimento no Brasil, pois ele tanto nesta obra como nas outras que escreveu fez questão de anunciar as fontes consultadas, os autores especializados nos temas tratados, tal como os “dez de mestre Taunay” faziam, no entanto, considerava que as obras daqueles historiadores não conseguiam atingir um público leitor menos especializado. Esse público somente poderia conhecer a História do Brasil por meio da obra de ficção bem documentada.

Taunay nesta época, 1934, já havia se decidido e optado pelo estudo pormenorizado dos temas da História do Brasil e abandonado o romance histórico, aliás, ele escreveu somente um, *Crônica do tempo dos Filipes* em 1910 e o reeditou em 1926. O que havia de comum entre essas produções e que justificava o pedido de Paulo Setúbal para que Taunay revisasse sua obra era, de um lado, a consulta documental que ambos realizavam e, de outro, a visão épica que compartilhavam da História.

Tantas afinidades levaram Taunay a apoiar Paulo Setúbal na eleição da Academia Brasileira de Letras: “Meu grande Dr. Taunay, Recebi as suas duas cartas do Rio. Agradeço-lhe, suas amáveis, o interesse que tem tomado pela minha causa acadêmica” (Carta de Paulo Setúbal a Afonso de Taunay, 05 de setembro de 1934, APMF/FMP (3ª entrada), pasta 295. (grifo do autor)). O auxílio de Taunay surtiu efeito, Setúbal foi eleito em 6 de dezembro de 1934 e foi recebido pelo acadêmico Alcântara Machado em 27 de julho de 1935.

Em 1935, o pedido de voto e ajuda veio de um dos precursores da História da expansão sertanista, citados na apresentação de Setúbal, e referência fundamental para a produção da *História Geral das Bandeiras Paulistas*: Basílio de Magalhães (1874-1957), o autor da *Expansão geográfica do Brasil*.

Ilustre confrade e prezado amigo Dr. Afonso Taunay,  
Cumprimento-o muito afetuosamente. Não tendo sido preenchida a vaga de Coelho Neto, no pleito de 12 do corrente mês, resolvi inscrever-me em primeiro lugar quando abrir novamente a inscrição.  
Seguirei, assim, o conselho do prezado amigo, cujo prognóstico ficou totalmente confirmado. Espero que, na próxima eleição, o ilustre confrade me honre com seu

voto e com o seu apoio, ambos de alto valor para mim (Carta de Basílio de Magalhães a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1935, APMF/FMP (3ª entrada), pasta 296).

No entanto, Basílio de Magalhães, que havia se candidatado e perdido a eleição, parece ter recuado da intenção de se candidatar pela segunda vez. Esta vaga somente foi preenchida em 19 de março de 1936 pelo político João Neves da Fontana. Em 1936, quem também disputou as eleições foi Pedro Calmon (1902-1985).

Meu querido mestre Dr. Taunay,  
Muito lhe agradeço a bondosa carta do dia 11, como tudo que vem da fé, muito me penhorou. [...] De trabalho de cabala vou bem. Posso juntar à relação de minhas esperanças os nomes de Goulart de Andrade e Aloísio de Castro. O Dr. [Max] Fleiuss tem me ajudado na roda do Instituto, e Afrânio Peixoto, o Dr. [Rodolfo] Garcia, o [Gustavo] Barroso, me animam com seu otimismo. Ao rádio de meu concorrente [Barbosa Lima Sobrinho] prefiro a discrição modesta, porém eficiente propaganda. O Dr. Roquette-Pinto assegurou-me à primeira hora que me daria o voto, e porque com ele trabalhei o ano todo, na sua estação de rádio, como responsável por um quarto de hora das preleções sobre história, creio que não me faltará. Não tive notícias de D. Aquino e de Luiz Guimarães. Rogo sempre que lhe for possível, considerar a meu respeito com Alcântara Machado e Guilherme de Almeida. [...] O sr. aceite um abraço de sincera e viva amizade, e os agradecimentos, nunca assaz renovados, do seu discípulo e admirador, Pedro Calmon (Carta de Pedro Calmon a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1936, APMF/FMP (3ª entrada), pasta 296).

Taunay enviou em abril o seu voto que, segundo Calmon, honrava “o humilde discípulo com um carinho, e para ele inesquecível testemunho de uma amizade verdadeira e queridíssima”,<sup>13</sup> No dia 16 daquele mês, Pedro

Calmon foi eleito imortal e recebido em 10 de outubro de 1936 por Gustavo Barroso.

Taunay apoiou autores vinculados à sua concepção de História: Max Fleiüss, que se dizia convencido da assertiva de Langlois e Seignobos, de que “sem documentos não há história”, <sup>14</sup>Paulo Setúbal, cujos romances históricos eram pautados na probidade documental, Basílio de Magalhães, um dos pioneiros no estudo da *expansão geográfica* no Brasil, e Pedro Calmon, que se considerava discípulo de Taunay e a quem ele elogiou em 1934 (Taunay, 1934-5) por sua obra *O Espírito da Sociedade Colonial*. Portanto, a entrada de Taunay na Academia Brasileira de Letras não significou um abandono de nenhum dos princípios que considerava válidos até então, mas a posição que desfrutava na década de 1930 permitiu-lhe a dedicação a outros temas, para além da História das Bandeiras, dentre eles o “fantástico” das descrições de diversos cronistas.

### **Condensando informes respigados**

No correr do ano de 1937, com mais de cinquenta livros publicados e contando ainda com diversos artigos, discursos, traduções e reedições, Afonso de Taunay publicou *Monstros e Monstregos do Brasil* (1998). O historiador, que acabara de lançar mais um tomo, o sétimo, da *História Geral das Bandeiras Paulistas* (Taunay, 1936), reunia em livro anotações de leituras que integraram boa parte de seus estudos.

“Respigar” nas obras dos primeiros visitantes e cronistas o que considerava curioso e pitoresco acerca da zoologia fantástica brasileira entre os séculos XVI e XVIII foi o objetivo anunciado logo no prefácio dessa narrativa iniciada em outra obra publicada em 1934 e intitulada *Zoologia fantástica do Brasil*.

Aves que vivem de vento, javalis que respiram por um orifício no dorso, um molusco que menstrua como as mulheres, um gambá cujo fedor deixa um homem ou um cavalo desacordado durante três ou quatro horas, a monstruosa e fatal *ibibaboka*, uma serpente gigantesca, monstros e monstregos relatados pelos visitantes do Brasil dos séculos XVII e XVIII e que em 1937

foram “recuperados e rearranjados” num divertido texto.

O autor produziu esse livro motivado pela leitura de “interessante e erudito estudo” do naturalista argentino Aníbal Cardoso<sup>15</sup> e, sobretudo, pela ambição frente à possibilidade de apresentar algo inédito, inaugurar talvez, um gênero no Brasil que, sem dúvida, já lhe interessava há muito, pois a busca pelo pitoresco, assim como o estranhamento e, às vezes até, a admiração frente àquilo que denominava *espírito de época* marcaram sua produção.

O “fantástico”, o “extraordinário”, as “histórias esquisitas” haviam despertado a atenção desse historiador das bandeiras paulistas quando a Companhia Melhoramentos de São Paulo o convidou para selecionar e organizar a *Biblioteca da Adolescência*, um empreendimento editorial que chegou a abranger cerca de trinta volumes divididos em três séries intituladas: “Viagens e Aventuras”, “Histórias Maravilhosas” e “Lendas curiosas”.

Além de organizar e selecionar as obras coube ao próprio autor a tradução de três livros. As escolhas que ao primeiro olhar podem causar certa surpresa, no momento em que foram realizadas tiveram boa aceitação, pois a seleção partiu das obras dos grandes mestres da literatura universal com o feliz propósito de garantir aos jovens brasileiros leituras que já haviam encantado algumas gerações de leitores europeus e norte-americanos. Taunay escolheu traduzir, para a série intitulada “Histórias maravilhosas”, Edgar Allan Poe<sup>16</sup> e Ernest Theodor A. Hoffmann,<sup>17</sup> Se nesses contos Taunay apresentou o fantástico como imaginação da literatura de ficção, em suas obras o fantástico foi o manancial para se ter “idéia do que pensavam os europeus contemporâneos das grandes viagens acerca da fauna das terras ignotas” (Taunay, 1999, p.20).

No primeiro livro, *Zoologia fantástica*, Taunay considerou que para a compreensão das descrições fantásticas colhidas nas obras de “Gandavo, Fernão Cardim, Anchieta, Gabriel Soares, Hans Staden, Ulrico Schmidel, Cabeza de Vaca, João de Léry, Thévet etc., os informes oriundos dos mapas quincentistas das relações devidas a Pero Vaz de Caminha, Américo Vespúcio, Pigafetta, o anônimo da Gazeta do Brasil etc.” era necessária para o leitor “uma exposição das credices zoológicas européias contemporâneas ao início das grandes navegações e da descoberta do Novo Mundo” (Taunay, 1999, p.17). Para apresentar tais credices, Taunay utilizou, sobretudo, as obras de Fer-

dinand Denis e Charles-Victor Langlois, apontando casos que lhe pareceram, segundo afirma, inteiramente pertinentes.

Taunay apresentou, nas páginas desta obra, a resenha das “abusões reinantes” nas descrições do Novo Mundo, ou seja, seguiu o seu intuito de mostrar os enganos, assim como fez em outros livros em que apresentava os erros dos autores. Contudo, se na *História Geral das Bandeiras Paulistas* e nas outras Histórias de São Paulo os erros eram cometidos pela falta de fontes ou pela interpretação incorreta que os autores faziam dos documentos, nestas obras os enganos foram interpretados como ilusões causadas pelo encontro com o estranho, o diferente, o outro. Taunay introduziu em sua escrita da História uma busca pela compreensão daquilo que estes homens pensavam, preocupou-se em traçar-lhes o imaginário (Matos, 1999, p.13).

Para “desvendar os segredos” da zoologia descrita pelos conquistadores, Taunay recorreu, primeiramente, a Ferdinand Denis:

Em 1843, publicou este douto francês o seu *Le monde enchanté* sobre a cosmografia e história natural fantásticas medievais. Nessa obra analisou vários desses códices célebres de que hauriu umas tantas particularidades de pitoresca recordação.

É, aliás, da mais agradável leitura essa obrinha do grande amigo do Brasil, hoje apenas conhecida, talvez dos bibliófilos e dos colecionadores de brasileiras (Taunay, 1999, p.21).

Na companhia de Denis, Taunay se inseriu no rol dos eruditos que conheciam esta obra e descreveu um percurso da zoologia conhecida desde a História da Antiguidade, passando pela Idade Média até chegar à Idade Moderna. Destacou Taunay, os dragões das regiões longínquas, as baleias que atingiam seiscentos pés de comprimento e trezentos de largura, as concepções que os homens tinham da terra, as águias bicéfalas, os unicórnios, dentre outros animais fantásticos descritos pelos propagadores exímios de fábulas. Além destes contadores de histórias fabulosas, começaram a aparecer as relações de “viagens imaginosas”. Taunay narrou que Cristóvão Colombo, dominado

pelas velhas e arraigadas idéias medievais, avistou nas terras da América sereias “ao atingir a foz de grande rio que fluía do Paraíso Terreal”. Em torno da descoberta do Éden vasta bibliografia se produziu e, segundo a avaliação de Taunay, a exata localização não era uma preocupação do tempo, portanto, ora ele foi localizado “sobre escarpado monte” ora “em terreno de suave declive” (Taunay, 1999, p. 29).

O segundo autor em quem Taunay se apoiou para escrever a respeito dos bestiários e das enciclopédias medievais, foi Charles-Victor Langlois. Taunay em 1911 na conferência de abertura de História Universal da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo descreveu os princípios gerais da moderna crítica histórica a partir, sobretudo, da obra de Langlois escrita em conjunto com Charles Seignobos intitulada *Introdução aos estudos históricos*. Naquela ocasião, ele não citou a autoria da obra que resumiu, no entanto, em 1934, nesta *Zoologia fantástica*, ele rendeu homenagens ao erudito contemporâneo:

Na bibliografia francesa encontramos precioso guia para o fim que temos em vista ventilar, o volume relativamente recente de um dos mais fortes eruditos de nossos dias, Carlo Vítor Langlois.

Na história da erudição contemporânea, poucos nomes terão tanto prestígio quanto o desse autor doutíssimo a quem a bibliografia de sua língua deve alguns dos mais notáveis trabalhos de pesquisa de que pode ufanar-se. E sobre uma série de assuntos variados.

Assim, começando por notável estudo do reinado de Filipe III, o Ousado,  **muito escreveu sobre os métodos de crítica histórica** e versou assuntos pedagógicos e bibliográficos sempre com rara felicidade. E de muitas outras questões tratou sempre com real destaque.

Mas o que em sua obra mais sobreleva, talvez, vem a ser os estudos medievais; os capítulos magníficos sobre os reinados de São Luís e seus sucessores até o último capetíngio direto, a **reconstituição social francesa levada a cabo na série** esplêndida da *Vida em França na Idade Média*, em que destacaremos *La connaissance de la nature et du monde* (Taunay, 1999, p. 31).

Taunay, atualizado nas publicações da historiografia francesa, se referia à obra *La vie en France au Moyen Âge de la fin du XII siècle au milieu du XIV siècle d'après les romans mondains du temps* (Langlois, 1924), obra em que Langlois dedicou grande atenção à vida cotidiana e aos costumes daquela sociedade medieval. É importante observar que Taunay conhecia não somente as obras a respeito dos métodos da crítica histórica, mas também os trabalhos em que Langlois aplicava tal método. Taunay, esse *metódico à brasileira*, continuava atento aos ensinamentos aprendidos no início do século e considerava Langlois como um dos maiores nomes contemporâneos.

Respigando, aqui e acolá, na obra de Langlois, Taunay apresentou as mais curiosas “abusões zoológicas vigentes na Europa no alvorecer da era das descobertas e conquistas americanas” (Taunay, 1999, p. 32), pois somente conhecendo estas histórias tornava-se possível perceber, afirmou ele, o quanto “cronistas e historiadores do Novo Mundo, nos primeiros séculos [...] se deixaram influenciar pela leitura ou reminiscências dos textos dos antigos autores dos bestiários medievais” (Taunay, 1999, p. 49).

Após percorrer estas e outras obras que se referiam às descrições zoológicas que informaram os cronistas dedicados a narrar a zoologia brasileira, Taunay iniciou no último capítulo do livro o estudo de Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza. Ao final deste capítulo deixou uma nota que prometia a continuidade deste trabalho em um livro que se chamaria *Zoologia Imaginosa do Brasil* no qual trataria da bibliografia brasileira dos séculos XVII e XVIII.

O título *Zoologia Imaginosa* Taunay trocou para *Monstros e Monstrenhos do Brasil* (1998) e a importância do tema não foi mais referendada por um importante erudito internacional, mas pelo orientador da História da “conquista do Brasil pelos brasileiros”, Capistrano de Abreu.

A busca realizada por Taunay pelos monstros e monstrenhos que habitavam as narrativas a respeito do Brasil se iniciou pelos *Diálogos das grandezas do Brasil* reunidos em livro, pela primeira vez, pelo imortal da ABL Afrânio Peixoto (1876-1947), prefaciados por Capistrano de Abreu, anotados por Rodolfo Garcia e publicados pela Academia em 1930. Desses *Diálogos*, Taunay “respigou” o que podia servir de “achegas” ao seu objetivo de estudar a zoologia fantástica brasileira dos séculos XVII e XVIII.

Um dos interlocutores dos *Diálogos* descreveu os jacus, os mutuns,

inhambus, urus e colocou os jaburus e acauás entre os galináceos, antes de descrever os anus como pássaros sem sangue e relatar a existência de papagaios de plumagem artificial. Taunay, para explicar esta descrição, recorreu ao médico, especialista em zoologia brasileira e colaborador no Museu Paulista, Mello Leitão (1886-1948), que afirmou não ser esta uma invenção de Brandônio (um dos interlocutores dos *Diálogos*), pois “no norte do Brasil geralmente todos sabem o que significa *papagaio contrafeito* (de que as penas verdes são arrancadas em certas regiões do corpo, nascendo, em vez delas, outras amarelas)” (Taunay, 1998, p. 46-7).

Nos *Diálogos* era tamanha a soma de informações pitorescas encontradas por Taunay que ele dedicou dois capítulos ao livro, pois Brandônio descreveu um gavião que matava um leitão, o cagambá que com sua fetidez deixava um homem ou um cavalo sem sentidos por três ou quatro horas, o lagarto sinimbu que se alimentava do vento, dentre outras tantas histórias. Algumas foram consideradas idiotas por Taunay, como a da cobra *boaçu* ou cobra de veado que engolia um homem por inteiro e depois de morta e comida pelos outros animais, renascia como Fênix, em carne e espírito.

Depois dos *Diálogos* mereceu a atenção de Taunay a *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador, cuja ressurreição coube a Capistrano de Abreu. Taunay avaliou que a resenha zoológica desta obra era inferior à anterior, mas frei Vicente confirmava uma das referências encontradas nos *Diálogos*: os porcos monteses com o umbigo nas costas. Taunay, novamente em busca da verdade do relato, consultou Mello Leitão: “É, aliás, plausível este engano dos autores antigos quanto ao caso do umbigo dorsal dos nossos javalis, observa Mello Leitão”, o engano provinha da presença “no dorso destes suídeos, da glândula de almíscar, cuja abertura ao nível dos rins dava-lhes a idéia de cicatriz umbilical” (Taunay, 1998, p. 74).

Outra obra tratada por Taunay também foi destacada por Capistrano de Abreu. O livro *A Histoire de la mission des pères capucins em l'isle de Maragnan* de frei Cláudio d'Abeville foi publicado na Coleção Eduardo Prado por Paulo Prado por sugestão de Capistrano de Abreu, que prefaciou a edição. Taunay considerou que para o seu escopo a contribuição desta obra não era das mais alargadas, “embora comece bem”, afirmou ele, pois do grande rapineiro, “o euyra-ouassou (o uiraçu, a grande harpia de Lineu, hoje rara), pretende que



é tão possante e tão forte que suspende aos ares um carneiro e com a maior facilidade derruba um homem” (Taunay, 1998, p. 89). Ainda a respeito deste livro, Taunay ressaltou um “relato inacreditável” a respeito de vampiros maranhenses que, às vezes, amputavam o artelho grande de suas vítimas sem que estas despertassem. Enquanto coletava os informes nesta obra, Taunay destacou a linguagem utilizada por frei Cláudio d’Abeville, pois lhe chamaram a atenção os adjetivos ótimo, delicioso, excelente empregados para descrever o sabor das carnes das aves maranhenses. No entanto, ao final da apresentação desta obra Taunay fez a seguinte avaliação:

Como vemos, em matéria de zoologia fantástica brasileira pouco nos fornece o bom franciscano, o que, aliás, é um título a favor da sua inteligência e da veracidade de seus informes, pois com certeza muitas e muitas coisas estrambóticas lhe inculcaram os índios e outros depoentes das particularidades do Brasil (Taunay, 1998, p. 92).

Taunay continuou a coleta das informações nos textos de Ivo d’ Evreux que, segundo Capistrano, “revelam sua psicologia sem alargar os horizontes” (Taunay, 1998, p. 81), do viajante Ricardo Flecknoe que, na opinião de Taunay, não foi um grande observador, mas deixou algumas notas curiosas, de Simões de Vasconcelos que lhe pareceu menos crédulo, de Francisco Coréal que se ocupou em descrever as regiões e pintar seus costumes, William Dampier que grafou o nome de animais e plantas de “forma impagável e irreconhecível” (Taunay, 1998, p.139), João Nieuhoff “o inventor do café com leite” (Taunay, 1998, p. 52), reza a tradição, de Pedro Norberto de Aucourt e Padilha que possui obra de “inestimável valor” por relatar a ascensão, em presença de D. João V, do aparelho de papelão construído por Bartolomeu de Gusmão<sup>18</sup> (Taunay, 1998, p.136) e John Browne para o qual Taunay pergunta “que haverá de verdadeiro em tudo quanto escreveu mestre Browne?” (Taunay, 1998, p. 239). No entanto, em várias passagens, Taunay ressaltou a importância que as narrativas mentirosas tiveram para criar uma atmosfera de credices em torno dos assuntos da História Natural.

Taunay narrou nestes dois livros tantos pormenores curiosos e preencheu a lacuna da bibliografia brasileira quanto à zoologia fantástica que visitantes

e cronistas nos séculos XVI a XVIII criaram para o Brasil, inspirados, muitas vezes, nas descrições correntes na Antiguidade e na Idade Média. Realizou tal empreendimento historiográfico inspirado pela busca moderna da verdade confrontando, por exemplo, as descrições de Brandônio e a ciência representada por Mello Leitão. Reafirmou seus conhecimentos frente ao ambiente intelectual da década de 1930 com dois livros de pura erudição bibliográfica e, assim como nos seus estudos lexicográficos, demonstrou muito humor e prazer ao fazer este longo e minucioso trabalho de coleta das informações condensadas nestes volumes.

Charles-Victor Langlois foi apontado pela primeira vez na obra de Taunay como um dos maiores eruditos do período, confirmando as escolhas feitas em 1911. Além de Langlois, Capistrano de Abreu ao lado de autores contemporâneos, como Rodolfo Garcia, Basílio de Magalhães, Roquette-Pinto, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna compuseram o rol dos principais referenciais da escrita da História de Taunay.

Contraditórias essas referências? Talvez sim, diante dos olhos do leitor distante temporalmente das definições do que era escrever História nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Para Taunay e tantos outros historiadores do período era possível mesclar as perspectivas teóricas que informavam o antropólogo Roquette-Pinto, as teorias sociológicas de Oliveira Vianna, as orientações metodológicas de Capistrano de Abreu e admirar “a *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre” que representava “um dos ensaios mais sólidos efetuados entre nós”, afirmava ele em 1934 na inauguração da cátedra de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Taunay, 1934-5, p. 126).

As subjetividades que envolveram a produção de Taunay a respeito da língua portuguesa no Brasil, o universo fantástico explorado na escrita das obras produzidas após o seu ingresso na ABL e a continuidade de seu projeto principal de uma história republicana que mostrasse em 11 longos volumes “a conquista do Brasil pelos brasileiros” compuseram os interesses desse importante letrado dedicado à escrita da história que não abandonou o princípio teórico da busca da verdade moderna a partir do método aprendido com Langlois e Seignobos.

### Referências

- ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, volume 1; edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a escrita da história de Afonso de Taunay. *Revista de História*, n. 160, p. 221-260, 2009.
- CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- ELLIS, Myriam. Gênese e renascimento da Academia Paulista de Letras. In: \_\_\_\_\_. *Academia Paulista de Letras: 90 anos*. São Paulo: Academia Paulista de Letras: Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- FERREIRA, Antônio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FIGUEIREDO, Antonio Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & irmãos, 1899.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº. 20, 1997.
- HOFFMANN, Ernest Theodor A. *Contos Fantásticos*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.
- LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, Ch. *Introdução aos estudos históricos*. Tradução de Laerte de Almeida Morais. São Paulo: Renascença, 1946.
- LANGLOIS, Charles-Victor. *La vie en France au Moyen Âge de la fin du XII siècle au milieu du XIV siècle d'après les romans mondains du temps*. Paris: Hachette, 1924.

NICOLAZZI, Fernando; ARAUJO, Valdei Lopes de. A história da historiografia e a atualidade do historicismo: perspectivas sobre a formação de um campo. In: ARAUJO, Valdei Lopes de; MOLLO, Helena Miranda, VARELLA, Flávia Florentino; MATA, Sérgio Ricardo da (Orgs.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 7-14.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

POE, Edgard Allan. *Novelas Extraordinárias*. São Paulo: Melhoramentos, 1924; Idem. *Histórias Esquisitas*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SETÚBAL, Paulo. *El Dourado: episódio histórico*. São Paulo: Saraiva, 1956.

TAUNAY, Afonso de E. Escritores Coloniais, *Anais do Museu Paulista*, tomo II, p. 1-294, 1925.

TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de lacunas*. Separata da RIHGSP, v. 16. Tours: Arrault, 1914.

TAUNAY, Afonso de E. Pedro Taques e seu tempo. Estudo de uma personalidade e de uma época. *Anais do Museu Paulista*, tomo I, p. 1-286, 1922.a

TAUNAY, Afonso de E. A propósito do curso de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, 1934-1935.

TAUNAY, Afonso de E. História de um film. *Revista da ABL*, ano 40, v. 61, p. 298-307, 1941.

TAUNAY, Afonso de E. *História geral das bandeiras paulistas*. Tomo Sétimo. São Paulo: Tipografia Ideal - H. L. Canton, 1936.

TAUNAY, Afonso de E. *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses*. Tours: Arrault e Cia, 1928.

TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de lacunas*. Separata da RIHGSP, v. 16. Tours: Arrault, 1914.

TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de termos técnicos e científicos*. Separata do “Anuário da Escola Politécnica”, São Paulo, 1909.

TAUNAY, Afonso de E. *Monstros e monstregos do Brasil: ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAUNAY, Afonso de E. Pedro Taques e seu tempo. Estudo de uma personalidade e de uma época. *Anais do Museu Paulista*, tomo I, p. 1-286, 1922.b

TAUNAY, Afonso de E. *Reparos ao Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo*. Tours: Arrault e Cia, 1926.

TAUNAY, Afonso de E. *Zoologia fantástica do Brasil* (séculos XVI e XVII). São Paulo: EDUSP: Museu Paulista, 1999.

## Notas

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da UNESP-Campus de Assis. E-mail: kanhezini@gmail.com.

<sup>2</sup> Carta de Alberto Rangel a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1913, Fundo Alberto do Rego Rangel – Arquivo Nacional, caixa 13, pacotilha 7.

<sup>3</sup> José Felix Alves Pacheco (1879-1935) foi jornalista, político, poeta e tradutor da obra de Baudelaire, a quem dedicou trabalhos biobibliográficos.

<sup>4</sup> Alberto do Rego Rangel nasceu em Recife em 1871 foi jornalista, engenheiro e historiador. Organizou em Paris, onde morou por vários anos nas décadas de 10 e 20, “O inventário dos documentos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d’EU”, publicado no volume 61 dos Anais da Biblioteca Nacional em 1939. Morreu em Nova Friburgo em 1945. Durante a pesquisa foram coletadas 153 cartas trocadas entre Alberto Rangel e Taunay de 1913 a 1936.

<sup>5</sup> Afonso de Escragnolle Taunay nasceu em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis-SC) em 11 de julho de 1876, cresceu e se educou na capital do então Império do Brasil, de onde se mudou apenas aos 23 anos para trabalhar em São Paulo. Era filho de Cristina Teixeira Leite Taunay (1854-1936) e de Alfredo d’ Escragnolle Taunay (1843-1899), mais conhecido pelo título de Visconde de Taunay que lhe foi concedido pelo Imperador D. Pedro II em 1889. Afonso de Taunay formou-se em engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1900 e, ainda no ano anterior, após a morte do pai, foi trabalhar na Escola Politécnica de São Paulo. Casou-se em 1907, com Sara de Souza Queiroz, e assim, inseriu-se em uma das tradicionais famílias paulistas. Foi eleito sócio dos Institutos Históricos de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1911 e nomeado para o cargo de diretor do Museu Paulista em 1917.

<sup>6</sup> Para uma análise destas eleições, suas implicações e as polêmicas que geraram, Cf. EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000; RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

<sup>7</sup> Antonio Cândido de Figueiredo (1846-1925), professor, gramático e filólogo, sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Autor do *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & irmãos, 1899. Pertenceu à Comissão Oficial do governo português, nomeada em 1911, para reformar a ortografia da língua. Sobre a participação deste intelectual na reforma ortográfica proposta pela Academia Brasileira de Letras, Cf. RODRIGUES, (2001), op. cit.

<sup>8</sup> Em 1926, Taunay concorreu e ganhou o prêmio de erudição com a obra que incluía a monografia a respeito de frei Gaspar da Madre de Deus, Cf. TAUNAY,

Afonso de E. Escritores Coloniais, *Anais do Museu Paulista*, tomo II, p. 1-294, 1925.

<sup>9</sup> A palavra cabala foi utilizada aqui com o sentido empregado pelos autores nas cartas, ou seja, conluio, combinação em segredo, nos bastidores, conspiração.

<sup>10</sup> Esta afirmação segundo Ângela de Castro Gomes era de João Ribeiro, ele escreveu que o livro *A marquesa de Santos* de Setúbal vendeu 40 mil exemplares. GOMES, Ângela de Castro *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 120.

<sup>11</sup> Recepção do Sr. Afonso Taunay na Academia Brasileira de Letras em 6 de maio de 1930. Discurso do Sr. Afonso Taunay. *Discursos Acadêmicos* (1927-1932), vol. VII, 1937, p. 213.

<sup>12</sup> “Para a vaga de Luis Murat na Academia de Letras”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 08/11/1929. Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, *Arquivo Afonso de Taunay* - Série 3 - Hemeroteca.

<sup>13</sup> Carta de Pedro Calmon a Afonso de Taunay, Rio de Janeiro, 08 de abril de 1936, APMF/FMP (3ª entrada), pasta 296.

<sup>14</sup> Atas das sessões realizadas no ano de 1911. Sessão extraordinária realizada em 26 de agosto de 1911. *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXIV, parte I, 1911.

<sup>15</sup> Taunay se referiu à obra do naturalista argentino Aníbal Cardoso intitulada *La Ornitología Fantástica de los Conquistadores*. Este autor participou do Primeiro Congresso Internacional de História da América realizado no Brasil pelo IHGB em 1922, Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº. 20, 1997.

<sup>16</sup> Deste escritor norte-americano, Taunay traduziu e editou: POE, Edgar Allan. *Novelas Extraordinárias*. São Paulo: Melhoramentos, 1924; Idem. *Histórias Esquisitas*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

<sup>17</sup> Deste escritor romântico alemão, Taunay traduziu e editou: HOFFMANN, Ernest Theodor A. *Contos Fantásticos*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

<sup>18</sup> As invenções de Bartolomeu de Gusmão interessaram Taunay durante a década de 30 e ele se dedicou a estudar a vida e a obra deste “Padre Voador”. Este foi mais um tema tratado com bastante envolvimento pessoal, pois além de resultar em livros, este interesse de Taunay levou-o a redigir um libelo compendiador dos documentos estabelecedores dos direitos à prioridade aerostática de Bartolomeu de Gusmão.